



Não queres mostrar-nos os teus presentes? Escondeste-os?

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

CAPITULO XI

O DIA DE ANNO BOM

No dia seguinte pela manhã, o primeiro cuidado da Susaninha foi ir dar as boas entradas de anno á sua mamã, e seguidamente ao avôsiño e ao mano Paulo.

Como é facil de suppôr, não, veiu d'aquellas tres visitinhas com as mãos vazias.

De momento a momento estavam trazendo ao palacio diversos presentes, enviados á menina Susana pelos amigos da casa.

A pequenita foi juntando tudo no seu quarto: livros, brinquedos de toda a especie, caixas de amendoas, objectos de toucador, bonecas que fallavam, que gesticulavam, que andavam, vestidas no rigor da moda, com olhos muito grandes, mas todas tão bonitas, tão elegantes!

A Susanhinha estava contentíssima em meio de tudo aquillo, examinando uma coisa, pegando n'outra, pondo aqui um objecto, além outro. Mas, de repente, voltou-se para a criada que a acompanhava, e perguntou-lhe:

— Hoje todas as meninas estão contentes, não é verdade, Luiza?

E como a criada ficasse calada, Susana ajuntou:

— Então não respondes? porquê? Por ventura não estão hoje muito satisfeitas todas as meninas que tiveram juizo durante o anno?

— Nem todas, minha menina — disse afinal a criada.

— Que me dizes! pois haverá alguma que esteja triste n'um dia como o de hoje, em que se recebem tantos presentes?...

— E' que nem todas as meninas recebem presentes.

A Susanhinha deixou cair um livro que estava folheando, e voltando-se para a criada, perguntou muito admirada:

— Isso é possível? então ha meninas que não recebem presentes no dia de hoje?...

— Ha sim, minha menina.

— Porquê? dize lá.

— Porque são pobres.

— Ah! — disse simplesmente Susana, acrescentando depois de pensar um momento: — E' verdade, não me lembrava d'isso!

Estava em pé ao lado dos diferentes objectos que constituíam o seu thesoiro, olhando para elles, immovel, e parecendo reflectir n'um grande projecto.

— E tu conheces algumas d'essas meninas pobresinhas? — perguntou afinal.

— Ora se conheço!

Houve um novo silencio. A Susanhinha, depois de lançar um longo olhar a todos os seus valiosos bonitos, como se quizesse dizer-lhes adeus, indicou-os com a mão á criada, murmurando docemente:

— Leva isso ás meninas pobresinhas.

A criada ficou tão espantada com a resolução da sua amasinha, que julgou ter percebido mal.

— Não ouviste, Luiza?

— Então a menina que...

Susana respondeu afirmativamente com a cabeça, de modo que não admittia réplica.

— E a sua mamã? — ponderou a criada.

— Quando ella souber o que eu fiz, dir-me-ha: «Fizeste muito bem!» E ha de beijar-me e abraçar-me. Eu bem a conheço. Anda, pega em tudo isto, Luiza, e vae distribuir pelas meninas pobres que tu conheces. Avia-te!

A criada sahio do quarto, com o pretexto de ir buscar uns cabazes para metter aquelles lindos objectos; mas em verdade o que ella queria era participar á senhora de Sannois a resolução de sua filha.

A senhora de Sannois ouviu attentamente a criada. Quando ella terminou, disse-lhe:

— Conhece realmente, Luiza, as meninas de que fallou a minha filha?

— Conheço pelo menos uma duzia aqui no

bairro, minha senhora. São as filhas d'alguns pobres vendedores das ruas.

— Muito bem; faça o que lhe disse a menina Susana; mas não se esqueça de vir fallar-me quando acabar a commissão.

Luiza voltou muito contente para junto da Susanhinha, a qual quiz encher os cabazes pelas suas proprias mãos. Apenas reservou para si os livros.

Entretanto, seria faltar á verdade se dissessemos que a nossa querida Susanhinha não abafara alguns suspiros ao metter no cabaz dois ou tres presentes que, entre todos, mais a tinham deslumbrado. Mas esses suspiros são bem desculpaveis.

A sahida, levando em cada braço um cabaz com tantas preciosidades, a criada ponderou:

— Ah! minha menina, como as pobresinhas vão ficar contentes e agradecidas!...

— Cuidas que eu não estou tambem contente? — respondeu Susana.

E não mentia, a bondosa creança: estava de-veras satisfeita.

Depois de sahir a criada, foi á janella, para a ver atravessar o pateo, e em seguida dirigiu-se ao gabinete da sua mamã, a quem contou o que fizera.

A senhora de Sannois, encantada e commovida por ter uma filha tão bondosa, disse-lhe simplesmente estas duas palavras:

— Fizeste bem.

Mas não pôde conter-se que não a abraçasse com effusão.

Nos labios de Susana brincava um sorriso, que parecia dizer: «Eu bem sabia que seria este o final.»

Quando a criada voltou, foi logo participar á sua amasinha o gozo que tinha proporcionado e quanto lhe estavam reconhecidas as pobres rapariguinhas que presenteara. As mães, coitadas! tinham até chorado de alegria ao verem que suas filhas tambem haviam tido presentes de anno bom, e que presentes!

Em seguida, a criada foi ter com a senhora de Sannois, conforme ella lhe ordenara, e fallaram mysteriosamente durante mais d'um quarto de hora. Passado este tempo, a senhora de Sannois deu á Luiza algum dinheiro, recommendando-lhe que desempenhasse pontualmente o que lhe incumbira.

Quando o avôsinho e o moço Paulo souberam do procedimento da Susanhinha, fizeram-lhe taes elogios, que ella ficou penalizada... por não ter tido mais presentes para dar!

CAPITULO XII

O QUE SUSANA TINHA FEITO DOS SEUS PRESENTES

O dia dois de janeiro é geralmente consagrado ás visitas de amizade. Por isso, pelas tres horas da tarde, começaram a apparecer as amigas da senhora de Sannois. As que vinham acompanhadas por suas filhas, ficavam na sala, e as pe-

quenitas eram conduzidas ao quarto da Susaninha.

A primeira menina que appareceu a Susana era uma bonita trigueirinha, de grandes olhos castanhos, franjados de longas pestanas pretas, e que pareciam sempre adormecidos ou scismadores.

Effectivamente, a menina Adelia de Sucey estava constantemente com somno.

Apenas entrou no quarto de Susana, deixou-se cahir preguiçosamente n'uma cadeira, e disse como por de mais :

— Deixa ver os teus presentes.

Susana indicou os livros que estavam em cima da mesa.

— Ah! tens só isso?... Pois olha, eu... eu...

E o resto da phrase perdeu-se n'um abrimto de bocca.

A Susaninha sentiu-se inquieta, porque se lembrou que todas as suas amigas lhe fariam a mesma pergunta.

Como poderia evitar a difficuldade da resposta? Da menina Adelia já não tinha que temer, porque, sentindo-se bem accommodada na poltrona, fechara os olhos e adormecera: porém as outras?

Justamente n'este instante entrou no quarto, como um fogueite, uma menina, e sem mesmo fallar a Susana, começou a andar d'um lado para outro, olhando, investigando tudo.

Este demonico é que era para temer. Curiosa, falladora, não estando quieta um momento, mais parecia um rapaz que uma menina bem educada.

Chamava-se Maria Bonneuil, e tinha a alcuinha de «Isto incommoda-me», porque, ainda bem pequenina, e querendo ter toda a liberdade nos seus movimentos, estava sempre a queixar-se do fato. A fita da saia, o atacador do corpete, a manga do vestido, as abas do chapeu, um nó aqui, a menor prega acolá, tudo, tudo a contrariava de tal maneira, que repetia a cada momento, fazendo umas caretas muito engraçadas: «Isto incommoda-me!»

E erguia os hombros, levantava os braços, não descancava, emfim, em quanto a manga não estalava, ou a fita não rebentava.

Com um genio tão decidido, é facil de prever que a menina Maria não dispensaria uma resposta positiva da sua amiga Susana. Postou-se diante d'ella, com os braços cruzados, e olhando-a bem de frente, repetia :

— Não queres mostrar-nos os teus presentes? Escondeste-os?

A Susaninha estava muito embaraçada. O seu amor-proprio impellia-a a dizer: «Tive mais presentes do que tu, tive sim!» Mas lembrara-se logo que a sua bonita acção perderia todo o merecimento, se a denunciasse, e por isso continha-se.

Entretanto, a menina «Isto incommoda-me» abanava tão brutalmente a preguiçosa Adelia, que esta não teve remedio senão abrir os olhos.

— O que é? — perguntou.

— Tu viste os presentes da Susana?

Adelia limitou-se a apontar para a mesa coberta de livros luxuosamente encadernados.

— Bem sei — proseguiu a Mariquinhas Bonneuil — aquillo são os livros; mas as bonecas, os brinquedos, as amendoas, onde está isso?

E voltando-se novamente para Susana, perguntou um tanto admirada :

— Acaso não te deram nada?

(Continúa.)

MATER DOLOROSA

N'um banco do mirante, erguido sobre a estrada, que passa junto á quinta, ao fim d'um bello dia, sob a copa gentil de florida ramada, abraçava-se á mãe a pallida Maria.

Toda ella era tremor : os membros franzininhos, mimosos como estâes de melindrosa flôr, sob o farto gibão de flaccidos arminhos, sentiam-se ranger, em magico estertor.

Cortara-lhe a palavra o negregado susto, que o peito lhe fizera erguer, e palpar, de um modo tão estranho; e, só a muito custo, em carreira veloz podera alli chegar.

— Jesus ! que me assustaste ! Ó filha, o que tiveste ? Aonde foste tu ? Sabia-o pois alguém ? Vamos... responde. Vens dos ladões do cypreste... O que viste por lá ? — clamava a triste mãe.

«Então? .. Estás doente? Ó Deus! meu Deus, valei-me! Solfrete alguma dôr?»

— Nada me doe, mamã. Não sei o que senti... fiquei cega... assustei-me, ao ver ao pé de mim a bruxa da manhã.»

— A bruxa... mas que bruxa?»

— Aquella... a dos remendos... eu vi-a da janella... a bruxa do capuz, que tem rugas na cara e olhos tão horrendos... a velha, que ao portão bate assim... truz! truz! truz!

— A pobre Margarida?»

— Essa... sim. Eu te conto : Deixando a mestra a ler, ao findar da lição, que eu sabia de côr, sem errar um só ponto, sahi para o jardim, com a *Amelia* na mão. .

«a boneca...»

— Bem sei.»

— E fui... e fui andando... e, vendo a porta aberta do pomar, corri para a estrada, e a saltar me puz; mas, tropeçando em cheio n'um calhau, por pouco não cahi.

«Senti-me presa então... alguém me segurava. Soltei-me, mamásinha, e vi... Tu sabes quem? a bruxa do capote... ao seio me aperteava, dizendo : — Tão bonita ! *ella* era assim tambem.

«Ai ! coitada de mim ! — Depois... depois... beijou-me com ancia, com ardor... a suja da mulher. Que medo, mamásinha ! Emfim... emfim largou-me, ficando-se a chorar. Mamã, ella o que quer ?

«Atrever-se a beijar-me... assim... tão maltrapilha ! Que farei d'outra vez ? E se me vir alguém ?» — Farás... pouco. A infeliz perdeu talvez a filha... Quando ella te encontrar... olha... beijava-a tambem.»



Vivia em Sevilha, na feira, n'uma d'aquellas barracas, verdadeiros covis de curiosidades, uma macaquinha chamada Nina, no meio de passaros que chilravam e saltitavam, e de macacos que davam cambalhotas nos trapezios. De vez

baixado o preço d'esses figurões pequenos. Custa um macaco lá por fóra as suas sete libras bem puchadas, sem ser preciso para isso que cante ou faça versos.



em quando, ia-se embora uma d'aquellas prendas, um periquito, um sagui, um macaco; os outros ficavam á espera de comprador, e iam-se entre-tendo e brincando.

Os macacos, por via de regra, são caros. Até se estranha que, havendo pelo mundo tanta ma-



No tal coio da barraca de Sevilha já havia estado um ou outro heroesito d'esta raça interessante, que sahira, por fim, para ir puchado a cordel por alguma velha ingleza, estabelecer-se de



caçaria de diferentes tamanhos e feitios, sem fallarmos dos gorilas e chipanzés ou de alguns homens dos bosques, que andam na cidade pelo seu pé, e de chapéu alto na cabeça, não haja



poleiro, em casa, a trincar bolacha fina, — ou envengar um casaquinho encarnado e fazer habilidades na praça publica, ao som de um cornetim pessimo, asoprado por uma mulher ainda peor,

— ou mesmo entrar n'um circo, bem alumiado e vasto, e correr, ás noites, atado á sella de algum garrano microscopico.

do tambor, tirando o barrete e comprimentando para as janellas, dando tiros com uma espingarda de pau, trepando por uma vara; ou vae para o circo saltar as barreiras a galope, envolto n'uma



Dois ou tres, que de lá haviam sahido para eses destinos gloriosos, succedeu passarem alli de uma occasião, trocarem com a Nina os bons dias, notarem n'ella certa melancholia...

A macaca enfasiava-se.

capinha branca de capuz... Verás, em trabalhando, como estimas viver!

Dito isto os macacos seguiram o seu caminho.

Nina ficou só outra vez no meio da bicharia ignorante,— o peor modo de estar só. Produziram-lhe viva impressão os conselhos dos seus pares. Os macacos teem muito juizo, e não ha como elles para dar um parecer. Ella não pensou desde aquelle instante senão na prudencia dos alvitres que lhe deram... E, vendo passar uns saltimbancos, taes guinchos deu, que elles voltaram a vista para ella, viram que não tinha rabo, o que é de rarissima singularidade, quando indique uma raça de Africa que nasce já sem elle; compraram-a logo, levaram-a consigo, ensinaram-a com paciencia, e hoje, tornada em celebridade artistica, trabalha só quando quer, come bons bocados, gosa da confiança dos empregarios, e vive regaladamente, como quem dá um exemplo ao mundo do que pode e alcança o trabalho!



Com quanto Sevilha fervesse em festas, ella não assistia a nenhum dos recreios da feira. Ouvia os foguetes das touradas, via passar ao longe as procissões, ouvia o gargantear das siguidilhas, o sapatear das danças, mas para ella não havia festa nem feira, e tudo era ir vivendo de corrente á cintura, n'aquella athmosphera fetida, a ouvir os guinchos dos companheiros, e a ver-lhes arreganhar a dupla dentuça aguda e descarnada...

Os macacos visitantes disseram-lhe:

— Queres saber, Nina, porque te enfurias? É porque, querendo viver sem trabalhar e sem teres cuidados, não fazes nada e nada és.

— Mas que hei de fazer?

— Essa é a pergunta de macacos e de macacões, isto é, de macacos e gente, que, em vez de se darem á diligencia de fazerem alguma coisa, entendem que os outros é que hão de occupar-se d'isso. Aprende a dansar no estrado, como fazem os que pela rua bailam ao som da gaita e

JULIO CESAR MACHADO.



UM PATO CAHIDO DO CÉU

A tia Hercklé pegou no seu cabaz para ir ao mercado; mas, antes de sahir, começou a contar com modo triste o seu dinheiro, murmurando:

— Que posso eu comprar com esta miseria?... Demais a mais, dizem que este anno está muito caros...

Sahiu para a rua e dirigiu-se ao mercado.

A filha, o genro e os netos da tia Hercklé vinham todos os annos jantar com ella no dia de Natal. A boa velhinha, fiel á tradição, regalava-os sempre com um pato bem gordinho. Para o poder comprar, privava-se dois mezes antes das coisas quasi indispensaveis; um verdadeiro sacrificio. Também dois mezes antes da festa os netos começavam a lamber os beiços com a lambra do succulento jantar da avósinha, porque as pobres creanças não tinham mesa muito farta durante todo o anno.

O mercado estava bem fornecido de criação; os vendedores contavam com a festa do dia seguinte.

Ao atravessar uma das ruas, a tia Hercklé deu de cara com um sujeito alto e magro, vestido com um casaquinho bastante fino, bem improprio da estação.

— O frio esta manhã está levadinho da bréca, visinha Hercklé — disse elle a tremer.

— E' verdade, visinho, faz gelar o sangue. Então vem fazer as suas compras antes de ir para o escriptorio?

— Venho; mas hei de poder bem com o peso. A prolongada doença da minha pobre mulher, as despesas do enterro, não só me levaram todas as economias, como até me obrigaram a contrahir algumas dividas. — E a visinha, vem também preparar-se para receber amanhã os seus netinhos?

— E' verdade, visinho; mas também não me irei abaixo, apesar de velha, com o peso do que comprar este anno — respondeu com um suspiro a tia Hercklé.

— Sinto muito, visinha. Mas não me posso demorar; são quasi horas de ir para o escriptorio. Até logo, senhora Hercklé.

— Pobre homem! — pensou a boa velha, seguindo-o com a vista. — Que má côr elle tem, coitado! Se me chegasse o dinheiro para comprar um pato, convidava-o para jantar amanhã connosco, porque, desde que lhe morreu a mulher, a fortuna não o enjô! E anda tão triste! Mas já vejo que temos de passar sem o pato do Natal; a que preço elles chegaram este anno!

Alguns passos mais adiante, ouviu uma voz dizer-lhe:

— Não viu a minha criada, sr.^a Hercklé?

A velhinha voltou-se e deu de rosto com uma formosa menina dos seus dez annos, elegantemente vestida, e que morava n'um palacio fronteiro á sua miseravel casa.

— Não vi, menina Emilinha — respondeu a sr.^a Hercklé.

— Estavamos a apressar um pouco de peixe, mas como a gente era muita, perdi-a de vista.

— Não tarda que a encontre. Se quer, vamos procural-a; eu acompanho-a, porque as meninas da sua qualidade não devem andar sósinhas por entre tanto povo.

— De certo; Deus me livre que a mamã soubesse, se bem que eu não tive a culpa; é aquella Victorina que nunca toma conta em mim.

— A minha neta tem apenas sete annos e já vae sósinha para a mestra; mas n'ella ninguém repara.

— Vossemecê tem uma neta?

— Tenho quatro netos; o mais pequenito ha de fazer tres annos.

— E vem visital-a muitas vezes?

— Não tantas quantas eu quizera; moram muito longe, no arrabalde da cidade. Amanhã é que vem jantar commigo e mais os paes; mas este anno não posso regalar os pobres anjinhos; nem me chega o dinheiro para comprar um pato.

— Na minha casa também é costume comer todos os annos, no dia de Natal, um pato ganso; é o pato tradicional, como diz o papá, rindo; mas ha muitas outras coisas; em algumas nem a gente toca.

— Nas casas ricas, fazem lá caso d'uma ave! Mas se a minha menina assistisse ao nosso jantar, veria! Quando eu trago o pato para a mesa, os pequenos abrem muito os olhos, e em quanto se está trinchando, aquillo nem se mexem; parecem estatuas, coitadinhos!

— Ah! lá está a Victorina — disse subitamente a graciosa menina. — Não a vê? está justamente apressando um pato.

As duas aproximaram-se.

A Victorina estava tomando o peso a um formidavel pato ganso, ao mesmo tempo que o olhar da vendedeira parecia dizer-lhe:

— E então? que lhe parece?

Era evidente que a desembaraçada criada, contra o seu costume, não se atrevia a dizer mal da fazenda. Por isso a vendedeira pedia um preço alto e não queria abater nada.

— Que bello pato! — dizia entre si a tia Hercklé — E' uma bola de carne!

A poucos passos de distancia, o visinho Flize, o misero escriptuario esfomeado, acabava de comprar algumas castanhas para o almoço, e mettia-as no bolso do comprido casaco.

— Bem quizera eu dar também um dia regalado áquelle infeliz! Cada vez me parece mais magro.

Coitada, não se lembrava que estava tão magra como o visinho.

Victorina concluiu as compras, e retirava-se com os cabazes cheios.

A Emilinha dirigiu um sorriso amigavel á tia Hercklé, e seguiu a criada, deixando a pobre velha em contemplação diante das succulentas aves.

— Se quer comprar, avie-se — disse-lhe a vendedeira — porque d'aqui a pouco está tudo vendido.

(Continúa).



JOANNICO

(Conclusão)

Cheio de dôres pelo enorme coice que levava, resultado da sua parva brincadeira, o Joannico desatou a gritar, tanto mais que o offendido cavallo se mostrava disposto a repetir o castigo, correcto e augmentado.

Os gritos e as lastimas do Joannico foram ouvidos, e depressa vieram acudir-lhe.

— Pega na tua roupa, desastrado rapaz, e põe-te no andar da rua! Vae para casa do demonio com as tuas diabruras e bestialidades! Rua! rua!

Era isto que diziam em altos berros ao Joannico, a aia da nobre donzella de Yolande, o mordomo do castello, o mestre cosinheiro, o chefe das cavallariças, e tambem, para o côro ser completo, o proprio senhor de Gisors.

Não seria facil contar quantos pés se levantam para empurrarem para a rua o misero Joannico, nem quantas vassoiras se preparam para varrer as costellas do desastrado rapaz.

Joannico, impassivel, como de costume, limita-se a esfregar as costas, repetindo com os seus botões:

— Tambem não tinha nascido para moço de cavallaria! E' o mesmo! hei de sempre seguir a minha carreira!

Mas tu ergues a cabeça para veres aquelle bando de estroinas que lá vem ao longe, pulando e dansando! Ah! Joannico, a folia está a attrahir-te!

Vê lá no que te mettes, Joannico!

Os taes pandegos aproximam-se, chegam-se para ti, rodeiam-te. Que has de fazer?

O alegre bando conduz o Joannico até á proxima estalagem, n'uma grande risota.

— Come, Joannico, anda, não faças cerimonia. Bebe, meu rapaz; bebe mais; não te importes com a conta.

O Joannico fica meio tonto com o vinho que lhe dão.

— Ven commosco! — dizem-lhe os sucios. — Sê dos nossos!

— E que é que se faz na companhia de vossês? — pergunta o Joannico.

— Que se faz! bebe-se, come-se, passeia-se! e tambem, por caridade, aliviam-se os viajantes do peso das suas malas!

— Está dito! Sou dos vossos! Mas então vossês são os ciganos?

— Ciganos, ou o que tu quizeres, o nome não faz ao caso!

— Bom; — murmurou o Joannico — agora vejo que tinha nascido para ser cigano! Seguirei a minha carreira!...

E o Joannico ficou sendo cigano, com grave risco de ser enforcado mais dia menos dia.

E diziam, o pae, a mãe e a irmã, admirando a rara esperteza do Joannico: «O rapaz vae longe!»

Prouvera a Deus que elle fosse mais perto e por caminho mais direito!

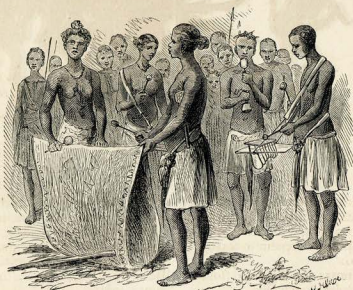


BANDA MARCIAL AFRICANA

Basta olhar para ella para desejar... não ouvi-la. Imagine-se uns desalmados negros e negras, batendo com toda a força n'uma folha de metal e n'uma especie de marimbas de ferro, soprando n'umas cabaças, que produzem sons de buzina, malhando nos batuques, ou tambores de pau, tudo isto acompanhado de vozes e gritos estridentes! Deus do céu! que horror!

Bem diz o rifão: «os gostos não são eguaes.» O que para nós europeus seria uma inferneira insupportavel, para os africanos do interior, para os miseros pretos selvagens, é uma harmonia celestial, uma delicia!

Conta o viajante Cameron que, tendo levado um presente ao régulo Casongo, elle, para lhe agradecer o obsequio, mandara comprimental-o pela sua banda marcial. A bulha que fazia a tal



banda era verdadeiramente infernal e intoleravel.

Cameron mandou dar missanga aos musicos, porque os pretos apreciam tanto a missanga como os brancos apreciam o oiro — esperando que elles se fossem embora, como fazem por cá os tocadores de realejo apenas recebem alguns cobres; mas não succedeu assim. Pelo facto de lhes darem missanga, imaginaram que gostavam muito da sua musica, e elles ahí recommçam a tocar com mais força, desejando patentear o seu agradecimento!

Pobre viajante! nem eu sei como não ficaste surdo!

Apesar de tudo, se um dia appare-

cesse no *Coliseu* uma banda de musica africana, aposto que não faltavam espectadores, e os meus meninos não seriam dos ultimos, não é verdade?

ALEGRIAS

O irmão mais velho dizia á Nini, uma pequerucha de cinco annos, que já andava na mestra:

— De quatro tirando dois, quantos ficam?

— Eu não sei — respondeu a Nini.

— Ora repara bem: se tiveres quatro laranjas e eu te pedir duas, com quantas ficas?

— Com quatro.

— Não; pois se eu te pedi duas...

— E eu não t'as dei — acudiu Nini com todo o desembaraço.

No inverno:

— O céu está todo coberto.

— E tem muito juizo, porque faz um frio de rachar!

Nini foi com a sua mamã fazer uma visita. No gabinete em que foram recebidas havia um papagaio, que a dona da casa sustinha n'um dedo. A pequenita aproximou-se muito contente para fazer festas ao papagaio.

— Não te chegues, minha filha — disse a dona da casa — que elle pôde morder-te.

— Mas não morde na senhora...

— E' porque me conhece.

— Então diga-lhe que eu sou a Nini, para elle tambem me conhecer.

Ha dias, Calino entrou n'uma loja cujos donos eram dois irmãos, e perguntou ao primeiro que se lhe apresentou:

— Não sei se tenho a honra de fallar ao senhor, ou a seu irmão?

— E' a meu irmão — respondeu o outro, mal podendo conter o riso.

Um mercieiro foi apresentar a conta do fornecimento a um nobre fidalgo, que lhe perguntou:

— Então porque não se apresentou ao meu intendente?

— Apresentei sim, senhor conde.

— E elle não lhe deu nada?

— Deu-me uma bofetada.

Tratava-se de tirar a sorte para soldado. A frequencia dava só um recruta e eram dois os mancebos apurados. O magistrado que presidia ao sorteio, desejando favorecer um d'elles, deitou na urna duas bolas de papel encarnado, e disse com a maior gravidade áquelle que queria mandar para o exercito:

— Na urna estão duas bolas, uma branca e outra vermelha. O que tirar a vermelha será soldado. Anda, homem, vê lá a tua sorte.

O rapazote, que não tinha nada de tolo, pegou n'uma das bolas de papel, e enguliu-a, sem sequer a ver.

— A outra agora é que decide.

Imagine-se a cara com que ficou o magistrado.